



Cara Wilson sonhava um dia visitar seu distante mentor

SENTEI-ME sobre a mala, enquanto o trem suíço me conduzia à reunião com que sonhava há duas décadas. No ponto final da jornada, aguardava o pai de Anne Frank, com quem me correspondia desde os 14 anos.

Desejava que o encontro com o homem que passei a considerar meu segundo pai fosse pura emoção, abraços, lágrimas. Mas compreendi que, provavelmente, após um formal aperto de mão, Otto e eu passaríamos alguns momentos bastante corteses, e nada mais. Estava preparada.

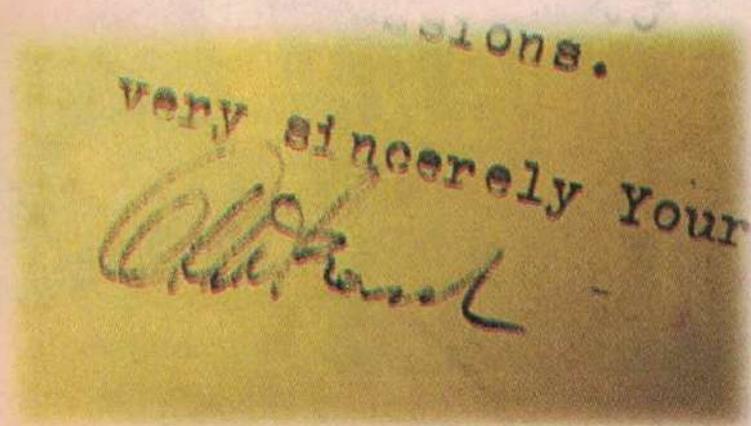
Por muitos anos,
após a morte da filha
querida, ele inspirou
uma nova geração

Cartas ao pai de Anne Frank

CARA WILSON

O sonho desse dia começara a se esboçar quando eu tinha 12 anos e vivia em San Fernando Valley, Califórnia. Havia me submetido a um teste para representar o papel principal do filme *O Diário de Anne Frank*, de 1959. Não o consegui, mas encontrei um mundo inteiramente novo no diário de Anne Frank.

Apesar das imensas diferenças das circunstâncias que nos envolviam, identifiquei-me profundamente com aquela eloqüente garota de minha idade. As situações difíceis que enfrentara ficaram gravadas em meus pensa-



mentos. Como se escondera dos nazistas em um minúsculo anexo, no sótão do prédio em que funcionava o escritório de seu pai, em Amsterdã, numa explosão de vida frustrada, “como um canário na gaiola”. Como permanecera escondida durante dois anos com os pais, Otto e Edith, a irmã mais velha, a família Van Daan, e um dentista. Como foram apanhados e confinados em um campo de concentração, onde ela morreu. Como, apesar de tudo o que passara, ainda acreditava que “as pessoas, no fundo, são realmente boas”.

Dois anos após haver lido o diário pela primeira vez, escrevi a Otto

Frank em Birsfelden, Suíça, onde ele fixara residência com sua segunda mulher, Fritzi. Será que responderia? Falaria inglês? Poderia eu falar-lhe sobre Anne, ou seria demasiado doloroso?

Chegou, então, uma carta. Devo tê-la lido uma centena de vezes:

21 de agosto, 1959

Recebi sua amável carta e fico grato por ela. O desejo ardente de Anne era trabalhar em prol da humanidade e, por esse motivo, foi criada em Amsterdã a Fundação Anne Frank, para realizar um trabalho inspirado nela. Você tem razão quando diz que recebo muitas cartas de jovens do mundo inteiro, e entenderá que não me é possível prosseguir com a correspondência, embora, como vê, esteja respondendo a todos.

*Desejo a você tudo de melhor,
Com os votos do seu,
Otto Frank*

Repliquei que ele não precisava responder. Independentemente de resposta, eu continuaria a escrever. Depois, cada vez que era fulminada por um ataque de “Não consigo suportar mais!”, despejava tudo em uma longa carta. E ele respondia, sempre.

Aos 15 anos, contei-lhe a respeito da minha vontade de ser atriz. Respondeu:

Continue a estudar dança, continue a se dedicar à literatura e à arte dramática, mas deixe que seja apenas um passatempo... É muito difícil o trabalho de bailarina e atriz.

Na faculdade, onde eu trocava de área de concentração com a mesma frequência com que trocava de meias, Otto Frank esteve a meu lado. Da dan-

ça para a arte dramática, para o inglês, meu querido e distante “guia supervisor” mostrava-se muito mais tolerante do que aqueles da Universidade da Califórnia.

Também participou quando pensava em me casar com um homem que não era judeu. Aconselhou-me a conseguir livros sobre o judaísmo para que meu noivo lesse. Foi o que fizemos.

Quando nos casamos, Otto escreveu:

Não ligue para a desaprovação dos outros. Suas personalidades combinam e vocês respeitam mutuamente suas convicções; isto é o que importa.

Embora feliz no casamento, atravessávamos o difícil ano de 1968. Depois do assassinato de Robert F. Kennedy, escrevi:

Bobby Kennedy está morto. Martin Luther King, Jr., está morto. John F. Kennedy está morto. Medgar Evers está morto. Todos baleados por homens loucos. Como poderia gerar um filho num mundo assim?

Ele contestou:

Não desista nunca! Certa vez li: ‘Mesmo que o fim do mundo fosse iminente, eu plantaria hoje uma árvore.’ A vida continua, e talvez seu filho faça o mundo avançar um passo.

Em homenagem ao meu aniversário daquele ano, Otto Frank me enviou uma nota: *Duas árvores em Israel em nome de Cara Wilson, pelo seu aniversário. Plantadas por Otto Frank, Birsfelden.*

A perspectiva de esperança de Otto Frank nos deu, a mim e a meu marido, coragem para nos tornarmos pais. Tivemos dois filhos, Ethan e Jes-

se. A primeira vez que me separei deles foi por ocasião da minha viagem à Suíça.

O trem ia parando. O condutor anunciou a estação e as portas se abriram bruscamente.

Procurando no meio da multidão, vi um homem ereto, com um rosto que lembrava o de Lincoln. Cabelos brancos como a neve emolduravam a cabeça quase calva. Um senhor idoso, alto, ainda forte e bonito.

Era ele mesmo! Otto Frank.

“Cara! Finalmente!”, disse de forma calorosa.

Eu estava abraçando-o de verdade. Um abraço apertado. Graças a Deus! Nada de aperto de mão nem de cumprimentos formais. De repente, um pouco acanhado, enlaçou seu braço no meu. Fritzi me tomou o outro braço e fomos embora.

Assim que entrei na residência dos Frank, senti-me em casa. Otto me conduziu ao seu pequeno gabinete. Sobre a escrivaninha, via-se uma pilha de correspondência recém-chegada. Mostrou-me os cadernos de notas, abarrotados de cartas, que cobriam a parede de lado a lado.

Então, Otto apontou-me um caderno. “Estas são as suas cartas, Cara. Guardei-as todas.” Eu mal podia acreditar. Via-me através de vinte anos de correspondência. Observei meus garanchos dos doze anos evoluírem a uma escrita adulta para, então, transformarem-se em páginas datilografadas. Infinitude de pontos de exclamação e palavras sublinhadas, profusão de sentimentos.

Otto disse: “Você não é a única que

tem escrito durante todos esses anos.”

Sorrindo, contou-me particularidades sobre alguns dos outros. Havia Sumi, do Japão, que perdera o pai. A menina lera o diário de Anne e emocionara-se, a ponto de escrever. Informara-lhe que gostaria de se tornar sua “filha por correspondência” – e assinava todas as cartas “Sua filha, Sumi”. Otto orientou-a durante anos.

Havia também John Neiman, que lhe escreveu depois de reler o *Diário* na faculdade. Otto lhe falou: “Se quiser honrar a memória de Anne e dos outros que morreram, cumpra aquilo que Anne tanto desejava – fazer o bem aos outros.”

Para obedecê-lo, John tornou-se sacerdote. Hoje, o padre John, sacerdote católico em Redondo Beach, Califórnia, continua a estender a mão aos sobreviventes do Holocausto.

E também tinha Vassa. Algum tempo atrás, Otto recebera uma carta de Atenas. Na Embaixada da Grécia, indicaram-lhe um professor local que traduziu a carta.

A jovem revelou seu horripilante passado – o modo como o pai, envolvido no movimento de resistência aos nazistas, fora assassinado na sua frente. Vassa perdera o interesse por tudo – pela vida em si.

Foi então que assistiu à peça *O Diário de Anne Frank*. Escreveu a Otto, abrindo seu coração. Ele respondeu que, embora houvessem impedido Anne de ver suas metas realizadas, Vassa tinha diante de si toda uma vida

de esperança. A correspondência continuou e, encorajada por Otto, Vassa fez sumir a depressão.

Ao notar que a menina já não necessitava de seus conselhos, Otto escreveu-lhe explicando a dificuldade de conseguir que as cartas fossem traduzidas. Ficara velho. Via-se forçado a deixar de escrever para ela.

Por mais de um ano, não recebeu notícias de Vassa. Chegou, então, uma carta com a assinatura familiar. Era em francês – língua que Otto sabia ler. No decorrer de todos aqueles meses, Vassa estudara francês, a fim de poder escrever ao seu querido mentor.

Durante a minha visita, prestei muita atenção às palavras de Otto, ciente da importância de lembrar cada detalhe daquele momento. Como se lesse minha mente, disse-me, baixinho: “Foi bom você ter vindo agora. Sou um velho, você sabe.”

Continuamos a nos corresponder por mais dois anos. Então, certo dia, recebi uma carta de Fritzi que começava assim:

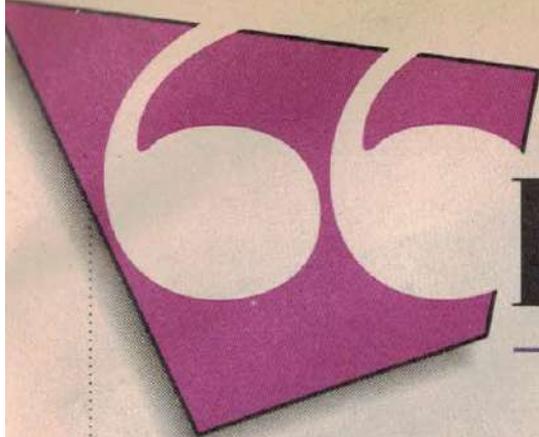
Minha querida Cara,

Neste momento, meu amado me deixou, e a todos os seus amigos..

Poderia apenas me maravilhar com o número de vidas que esse homem bondoso influenciou – bem como me sentir afortunada, porque a minha fora uma delas. Embora de raças e religiões distintas, somos, de certa forma, iguais. Afinal de contas, não foi Anne quem nos enviou para fazer companhia ao pai?

A CIVILIZAÇÃO progride aumentando o número de operações importantes que conseguimos executar sem pensar.

Alfred North Whitehead



ENTRE ASPAS

O oposto do amor não é o ódio, mas a indiferença.

Érico Veríssimo em "O Tempo e o Vento"

Podemos delegar autoridade, mas não a responsabilidade.

Stephen W. Comiskey (www.agoodlawyer.com)

O bom humor é essencial, o que nos salva. No minuto em que surge, toda a nossa irritação e ressentimento somem, cedendo lugar a um espírito radiante.

Mark Twain

A ação é o antídoto para o desespero.

Joan Baez

Não existe maneira de ser a mãe perfeita, e há milhões de maneiras de ser uma boa mãe.

Jill Churchill, *Grime and Punishment* (Bantam)

Não há nada pior do que uma imagem nítida de um conceito impreciso.

Ansel Adams

Um problema que surge quando olhamos muitas vezes para o passado é que podemos nos virar e ver que o futuro nos deixou para trás.

Michael Cibenko

A administração por meio de objetivos funciona quando, primeiro, se examina cuidadosamente os objetivos. Em 90% dos casos não se faz isso.

Peter F. Drucker

Um dia em que você aprende alguma coisa nunca é uma perda total.

David Eddings, *King of the Murgos* (Ballantine)

A infância é medida pelos sons, aromas e cenas, antes de surgir a hora sombria da razão.

John Betjeman, *Summoned by Bells* (Houghton Mifflin)

O mistério é um recurso, como o carvão ou o ouro, e sua preservação é admirável.

Tim Cahill, *Jaguars Ripped my Flesh* (Random House)

O cinismo é um modo desagradável de dizer a verdade.

Lillian Hellman, *The Little Foxes* (Random House)